

O IDEAL

(A' ELITE VIMARARENSE)

REVISTA QUINZENAL, LITTERARIA E RECREATIVA

ASSIGNATURA		Domingo, 4 de Setembro de 1892	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA DAS LAMELLAS, 49 GUIMARÃES
Serie de 24 numeros	600 reis		
» » 12 »	300 »		
» » 6 »	150 »		

VIDA MODERNA



NÃO tem singularidades dignas de chronica a vida das classes baixas. O estudo das leis da imaginação popular, assumpto fecundo para o romance naturalista, não prenderia a

atenção dos «virtuosos» litterarios que, ávidos de sensações intensas, vem pedir á revista o licor capitoso d'algumas ideias vivas.

Delirar pelas avencas da phantasia e vir contar depois os amores das pallidas Julietas ou os caprichos das loucas Ophelias, desagradaria á mais romantica das leitoras; prefere decerto ler o «Romeu» de Shakespeare ou o «Werther» de Goethe porque prefere as suggestões prolongadas, seguidas, como as d'á o livro.

Todavia, por muito que ame o encanto suave da leitura aprecia-o mais nos dias tristes d'inverno quando elle se casa deliciosamente com a nostalgia da natureza...

A mulher d'hoje, distincta e fina, nos bellos dias, nos dias em que exteriorisa com mais intensidade a elegancia da vida material gosta da arte «significativa» para com ella decorar no salão ou no passeio o luxo das suas toilettes.

E, impotente para procurar essa educação decorativa na obra theorica, busca-a no convívio alegre da sua roda, aperfeiçoa-a nas confidencias d'uma carta, orienta-a pela revista.

Uma impressão nova, um quadro ou uma estatua, uma walsa ardente, tudo a faz volúvel, nervosa. Tudo a torna devota apaixonada da religião da moda.

Se os accasos da existência um dia a fizerem amante, hade lembrar a Emma Bovary de Flaubert rendendo-se submissamen-

te a Leão quando elle lhe diz «em Pariz faz-se assim...»

Não sei que é, mas o homem mais a ama depois de ref nada pela arte, depois de requintada pelo gosto. E ella julga-se por isso mais distincta, julga-se uma mulher moderna. Na cidade, nas thermas, na praia, em viagem, tem sempre um namoro sem contudo pertencer a nenhum—o que tudo é justo porque o meo fez-lhe do espirito um mosaico de sensações variadas, e do coração um xadrez de necessidades imperiosas.

E que geração de decadentes lhe não ha de preparar o noivo a cujos braços a idade ou os impulsos do sangue a entregarem!

* * *

Simultaneamente á mulher dilettante surge o homem pessimista.

Não se trata dos philosophos como Hofmann, como Schopenhorg; a influencia dos doutrinarios é geralmente insensível; só o martyr, o exemplo vivo, é que consegue impor-se com vantagem. Agora referimo-nos aos pessimistas consagrados pelos actos e pelas obras.

O homem a que podemos chamar muito civilisado, achando-se em desacordo com o meo, proclama a contradicção entre as suas necessidades e a realidade das causas exteriores.

Torna-se então sceptico, julga-se incapaz de felicidade. E ou esquece com estimulantes energicos as amarguras da vida—como Poe que morre embriagado, ou a esgota em estranhos deboches—como Baudelaire que se suicida para experimentar uma sensação nova, ou sonha a vida inteira, antogostando as delicias do Nirvana,—como Anthero que despedaça o cranio com serenidade metaphisica. E no entanto a «To Helen», as «Fleurs du mal», os «Sonetos», continuam-lhes a existência.

E se as subtilizas tornam menor a influencia das suas obras, ella não deixa de

ROGATÓRIA

a Albano Bellino, distincto poeta vimaranense

Amar e ser amado, que ventura!
Não amar, sendo amado, é um triste horror:
Mas na vida ha uma noite mais escura,
E' amar alguém que não nos tenha amor!

Gonçalves Crespo.

Eu amo-a tanto, tanto! oh se possível fôra
Tel-a bem junto a mim!...
Fital-a a todo instante, beijal-a a toda a hora,
Como era feliz assim!

Amal-a e ser amado!... oh duvida esmagadora,
A abreviar-me o fim!
Tu és a que me matas, tu és a causadora,
De tudo isto enfim.

Eu amo-a tanto, tanto! mais não posso amal-a...
Nem mais amor existe,
N'esta alma que é só d'ella e que só d'ella falla!...

— Vem pois, Cínira bella, consolar a triste,
Vem, já reanimal-a...
Vem, sonda a ferida que em minha alma abriste!

Lisboa.

JUSTINO DE CARVALHO.

DO DILETTANTISMO (1)

A palavra *dilettantismo* melhor se comprehende do que se define. E' menos uma doutrina do que uma disposição d'espírito, intelligente e voluptuosa, que nos inclina alternadamente para as formas diversas da vida sem nos entregarmos a nenhuma de preferencia. E não são tão variadas as maneiras de gostar a felicidade segundo as idades, os temperamentos, os dias mesmo?

E' certo que, feita a escolha, é difficil representar-se n'uma maneira d'existir muito differente e mais ainda revesti-la, embora por minutos.

(1) Versão livre dos «Ensaís de Psychologie» de P. Bourget.

Seria preciso para o conseguir, uma forte sympathia pessoal; seria preciso um fino scepticismo e uma arte de transformar este scepticismo em instrumento de prazer. E' por isso que o dilettantismo nos apparece muitas vezes como uma sciencia delicada de metamorphose intellectual e sentimental.

(Continua.)

FRA-ANGELICO.

A curiosidade é um dos primeiros ingredientes, que entram n'esta mistura inextricavel de sentimentos que se chama amor.

I.